

SURFE, EDUCAÇÃO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL.

Renato Ferreira¹

Diana da Veiga Mandelert²

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso visa apresentar a relação entre o Surfe e a Educação. A vivência do autor com projeto social voltado para pessoas com deficiência atrelado a artigos científicos relacionados a exercícios físicos pretende demonstrar que o Surfe é um esporte que agrega valor a pessoas com deficiência colaborando com a qualidade de saúde e de vida do indivíduo que pratica o esporte. Além do papel inclusivo que o esporte pode proporcionar, a Educação Ambiental está presente a todo momento já que preservar o espaço onde se pratica o Surf é de fundamental importância para toda a sociedade.

Palavras-chave: Surf. Educação Ambiental. Educação Inclusiva. Pessoas com Deficiência .

Abstract

This course conclusion paper aims to present the relationship between Surfing and Education. The author's experience with a social project linked to scientific articles related to physical exercise intends to demonstrate that Surfing is a sport that adds value to people with disabilities, contributing to the quality of health and life of the individual who practices the sport. In addition to the inclusive role that sport can provide, Environmental Education is present at all times, as preserving the space where surfing is practiced is of fundamental importance for society as a whole.

Keywords: Surfing. Environmental Education. Inclusive Education. People with Disabilities.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Fundador do Projeto Autisurfing. E-mail: referreira.ped@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2002) e em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992). É professora adjunta da UERJ, onde leciona Sociologia da Educação.

Introdução

Surfe . Um substantivo onde a combinação de cinco letras simples leva o seu praticante a se sentir um rei. Na verdade, em um passado pouco distante era o esporte da realeza, onde somente a um extrato de uma relativa sociedade era permitido surfar. Segundo o dicionário Michaelis, Surfe é um “esporte em que a pessoa, de pé, equilibrando-se sobre uma prancha, desliza na crista de uma onda, fazendo manobras até a beira-mar.”

Se uma pessoa porventura vier a ser questionada como acha que é a prática do Surf certamente será como o dicionário descreveu. Se um dicionário vislumbra esta imagem do praticante do esporte, o que imaginar ao falar que qualquer pessoa é capaz de surfar?

E uma pessoa com deficiência seria capaz de surfar de alguma forma ondas que surgem em mares, rios ou piscinas?

Pois bem, este é um dos objetivos do presente artigo. Contribuir para responder esta pergunta e apresentar uma quebra de paradigmas afirmando que o Surfe pode ser praticado por qualquer pessoa e a participação da educação e do processo educativo neste processo entre a pessoa, a prancha e o mar com suas correspondentes pontes de acesso ao esporte que é tão inclusivo quanto se imagina.

O Surfe adaptado (modalidade para pessoas com deficiência) cresce a cada ano, onde no Brasil, segundo censo realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,5% da população apresenta alguma deficiência física, mental ou dificuldade visual, de audição ou locomoção. Já no último censo realizado em 2010 pelo IBGE, aproximadamente 24% da população declarou possuir algum tipo de deficiência. Um aumento significativo de 10% em dez anos.

Por mais que este tema já possa ter sido abordado por graduandos, mestrandos e doutorandos da área de Educação Física, o autor se atreve em lançar sua visão no contexto pedagógico a respeito do Surf e de um nicho cada vez mais presente nas praias do mundo.

Sobre o esporte

A restrita bibliografia sobre o surfe aponta o seu surgimento nas Ilhas Polinésias, através dos povos nativos, em virtude de sua própria cultura de subsistência, a pesca. Constantemente tinham que se atirar ao mar com seus barcos feitos artesanalmente para pescar, e quando voltavam, deslizavam sobre as ondas para chegar mais rápido à terra firme.

Mais tarde, porém, nas ilhas do Hawaii, o surfe começou a ser praticado pelos antigos reis havaianos com pranchas feitas de madeira, extraídas de árvores locais. Os nativos possuíam um ritual religioso para a fabricação das suas pranchas.

Uma vez escolhida a árvore, o ritual era iniciado. Colocava-se ao pé do tronco um peixe vermelho chamado *kumu* e a árvore era cortada. Nas raízes fazia-se um buraco onde, com uma oração, era enterrado o *kumu*.

Em seguida era dado início ao trabalho de modelagem ou shape (forma da prancha); as ferramentas, lascas de pedras e pedaços de coral eram usados até chegar à forma desejada. Com coral granulado (*pokaku ouna*) e um tipo de pedra bem dura (*oahi*) era iniciado o trabalho de acabamento para eliminar todas as marcas da fase anterior e tentar alisar a superfície o máximo possível.

Com a superfície lisa, eram aplicadas as raízes de uma árvore chamada *hili*, para dar uma cor negra. Outras substâncias eram utilizadas para impermeabilizar a madeira como forma de encará-la.

No meio da população nativa havaiana o surf era intimamente ligado às raízes culturais. Ao realizarem determinadas manifestações religiosas, os nativos deixavam oferendas próximas à base dos coqueiros para crescer outro coqueiro.

As raízes culturais do surf, através do ritualismo, impunham aos nativos uma determinada hierarquia de prática. Aos reis e suas proles era permitido surfar na posição de pé.

Até o início do século passado, a maioria dos havaianos praticava o surf como atividade de lazer. Este hábito passou a ser encarado de outra forma quando o então campeão olímpico de natação, o havaiano Duke Kahanamoku, começou a divulgar o esporte em outros países por onde passava, quando exercia sua função.

No Brasil, as primeiras pranchas, então chamadas de "tábuas havaianas", foram trazidas por turistas. A história começa em 1938 com a, provavelmente, primeira prancha brasileira, feita pelos paulistas Osmar Gonçalves, João Roberto e Júlio Putz, a partir da matéria de uma revista americana, que dava medidas e o tipo de madeira a ser usada.

Tendo em vista que o material para fabricação possui um custo muito alto, atraindo assim pessoas com um poder aquisitivo compatível com a aquisição dos equipamentos, fundamentando assim a implantação do esporte voltado quase que exclusivamente para as elites.

Com a implantação do esporte nas praias, foi gerado um modismo e uma indústria foi se formando, esta conhecida atualmente como *surfwear*. Além de pranchas, foram customizados produtos tendo em vista os praticantes e os simpatizantes do esporte. Podemos citar como produtos roupas, equipamentos e outros.

Quem não conhece as camisas de *surfwear* e suas estampas de ondas e surfistas deslizando nas ondas, bermudas floridas com estilo próprio do arquipélago havaiano e inclusive marcas que fazem parte da moda, seja na praia ou em qualquer ambiente?

O Surfe atingiu seu auge de popularidade no país quando Gabriel Medina conquistou o primeiro título mundial profissional em 2014, dois anos depois foi a vez de Adriano de Souza conseguir atingir o mesmo feito seguido por Italo Ferreira.

Porém, poucos sabem da existência de brasileiros que foram campeões mundiais em outras modalidades de Surf. Em 2015 houve a primeira edição do Campeonato Mundial de Surfe Adaptado, onde abrange várias categorias e níveis de deficiência. O campeonato ocorre na praia de La Jolla, na cidade de San Diego, estado da Califórnia nos Estados Unidos da América.

Pouco conhecido e divulgado, desde a primeira edição a equipe brasileira conquistou medalhas de ouro, prata, bronze, cobre. A última edição ocorreu em março de 2020, já no início da pandemia do Corona Vírus.

O Surf é deslizar nas ondas. Seja em pé, de joelhos, deitado em uma prancha ou com o próprio corpo.

Educação e Surf

Convido o leitor para uma reflexão de apenas cinco segundos e pergunto quando e como viu pessoas com deficiência na praia, usufruindo do mesmo espaço (que é denominado como democrático). Poucos ou quase nenhum, não é verdade?

Quando se diz que em dias de calor existe um sol para cada um, muitos não estão mentindo. De fato, quando se diz em calor todos sentem e quando se diz em brisa do mar pode-se até afirmar o mesmo. Mas o que dizer do acesso a faixa de areia e ao mar?

Poucas praias oferecem acesso a cadeirantes por exemplo. E se oferecem, na maior parte das vezes é devido a projetos sociais que são voltados a pessoas com deficiência. Alguns projetos geralmente acontecem no verão, mas se tratando de Brasil, um país que possui uma faixa litorânea de 7 491 quilômetros de extensão, o que o torna o 16.º

maior litoral nacional do mundo fica difícil de afirmar que qualquer pessoa tem acesso ao mar mesmo com extensa faixa litorânea.

Inclusão. Esta é a palavra que proporciona o encontro do esporte com pessoas com deficiência. Pensar na dificuldade que uma pessoa com deficiência tem para acessar a praia e imaginar a dificuldade de acesso ao esporte é juntar em uma equação a dificuldade e o acesso resultando na inclusão.

Pensando no Surfe adaptado (ou Parasurfing), pessoas com deficiência tem acesso ao surf de forma adaptada a sua condição, seja ela física ou mental.

Infelizmente o capacitismo (termo usado para discriminação e o preconceito social contra pessoas com alguma deficiência) está presente no bojo de pensamentos que reduzem a perspectiva de produtividade em qualquer atividade, seja ela esportiva, pessoal ou profissional.

O praticante de Surfe (seja ele com deficiência ou não) se vê diante de uma natureza que muda a todo o tempo, onde tem as ondas como grandes videntes do oceano e um ecossistema que necessita ser preservado.

A Educação Ambiental está presente mesmo que sem intenção propositiva aos olhos do surfista. Preservar realizando a limpeza de uma praia, dos mares e de todo o entorno é capaz de promover benefícios a curto prazo para quem desfruta do espaço.

A Educação Física e o Surf estão ligados de forma que o movimento e o preparo físico se bem executados são capazes de aumentar o rendimento e a diversão em um esporte tão lúdico, fazendo com que a mente e o corpo fiquem saudáveis diante de um mundo cada vez mais caótico. Possui diversos aspectos a serem observados, entre eles a fisiologia, biomecânica, a aprendizagem motora. Repleto de desafios e rotinas estressantes, o Surfe é capaz de amenizar toda a pressão que o indivíduo esteja vivendo.

O Surfe é como uma universidade a céu aberto e possui um papel educacional. Sem perceber, seu praticante aprende as posições de ventos, as direções de correntes marinhas, a influência da lua nas marés, o ecossistema marinho, a analisar previsões do tempo e clima, a filosofia de um esporte e dos benefícios que ele promove, a cultura, a hábitos saudáveis e outras questões relacionadas a diversos cursos acadêmicos. O Surfe possui a sua Pedagogia e sua didática tem muito a ensinar.

O leitor curioso pode se perguntar se o Surfe pode ter a sua Pedagogia e a resposta é sim! Não a toa, o esporte tem escolinhas, uma didática própria e métodos de ensino que servem para auxiliar um surfista iniciante na prática do esporte. No caso de

peessoas com deficiência, esta metodologia será adaptada a sua condição para o melhor aproveitamento e rendimento em sua práxis.

A inclusão e inserção democrática no espaço da praia, não somente da areia e sim dentro do mar, faz com que o indivíduo se sinta como parte do meio sem que seja visto como um admirador presente no calçadão de uma praia.

O Surfe tem um papel importante na conscientização coletiva, não apenas da população que frequenta a praia e sim de toda a sociedade em geral. A conscientização a respeito da preservação do meio ambiente, a conscientização e respeito a pessoas com deficiência onde o limite está na cabeça de quem se limita.

Tabus e paradigmas vem sendo quebrados na medida que o tempo passa. Uma pessoa com deficiência é capaz de praticar qualquer esporte, desde que adaptações sejam aplicadas caso sejam necessárias. Vale ressaltar que adaptações não são sinônimos de facilitações (as facilitações favorecem a ideia de capacitismo).

Declaração de Salamanca

De acordo com a Declaração de Salamanca, importante resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, políticas e práticas em educação especial ressalta que o envolvimento da comunidade é importante para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para pessoas com deficiência.

Além disso, cita o papel de organizações sociais neste engajamento de inclusão, onde:

“64. Uma vez que organizações voluntárias e não-governamentais possuem maior liberdade para agir e podem responder mais prontamente às necessidades expressas, elas deveriam ser apoiadas no desenvolvimento de novas ideias e no trabalho pioneiro de inovação de métodos de entrega de serviços. Tais organizações podem desempenhar o papel fundamental de inovadores e catalizadores e expandir a variedade de programas disponíveis à comunidade.”

“65. Organizações de pessoas portadoras de deficiências - ou seja, aquelas que possuam influência decisiva deveriam ser convidadas a tomar parte ativa na identificação de necessidades, expressando sua opinião a respeito de prioridades, administrando serviços, avaliando desempenho e defendendo mudanças.” (Salamanca, 1994, p. 15)

Infelizmente, as limitações de um espaço para acesso de pessoas com deficiência são um dos principais obstáculos para acessar a praia. Para a prática do Surfe ainda tem os custos com material que não são de baixo custo e dependendo, ter uma pessoa para auxiliar torna este processo de surfar mais difícil ainda.

Entender toda a história do esporte e todo o contexto no qual está inserido faz parte deste texto, além de apresentar um projeto importante que é fruto do amor ao surf e do movimento de inclusão de pessoas que outrora não teriam acesso.

O que a OMS diz sobre pessoas com deficiência

Definições da OMS para pessoa com deficiência:

De acordo com a OMS “pessoa com deficiência é aquela que tem restrições nas aulas ou na quantidade de atividades que podem ser realizadas devido às dificuldades atuais causadas por uma condição física ou mental permanente há mais de seis esse contexto, várias são as patologias relacionadas à diversidade funcional comumente evidenciadas no contexto escolar: paralisia cerebral, espinha bífida, lesões medulares, distrofia muscular, artrite crônica juvenil, amputações ou traumatismo craniano” (Cumellas & Estrany, 2006).

Por esse motivo, a criança com diversidade funcional é afetada pelo seu aprendizado devido às limitações ou deficiências de movimento, expressão e estimulação. Assim pois, de acordo com a OMS “pessoa com deficiência é aquela que tem restrições nas aulas ou na quantidade de atividades que podem ser realizadas devido às dificuldades atuais causadas por uma condição física ou mental permanente, logo a inclusão dessas pessoas é de vital importância. A deficiência é classificada em grupos, dependendo se é afetada pela área motora, sensorial ou intelectual. A deficiência motora, reconhecida pela CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), refere-se a qualquer restrição ou deterioração das capacidades físicas para realizar diferentes atividades na faixa considerada normal para o ser humano (López, Fernández, & Polo, 2005).

Segundo Farrel (2008) que cita em seu artigo o Código das Necessidades Educacionais Específicas (DfES, 2001a), apresenta uma descrição básica de "necessidades sensoriais e/ou físicas" que relata o seguinte:

Existe um amplo espectro de dificuldades sensoriais, multissensoriais e físicas. A variação sensorial vai de uma profunda e permanente surdez ou um comprometimento visual até níveis menores de perda, que podem ser apenas temporários. As deficiências físicas podem decorrer de causas físicas, neurológicas ou metabólicas. Algumas requerem somente um acesso apropriado às oportunidades e equipamentos educacionais; outras podem levar a necessidades sociais e de aprendizagem mais complexas; algumas crianças terão dificuldades multissensoriais associadas a dificuldades físicas. Para algumas crianças, a incapacidade de participar plenamente da vida escolar causa estresse emocional ou fadiga física significativos (DfES, 2001a, Capítulo 7, seção 62).

Para a Organização Mundial da Saúde, pessoa com deficiência é aquela que tem algum tipo de restrição para a prática de determinada atividade derivada de dificuldades causadas por uma condição física e/ou mental permanente por um período igual ou superior a 6 meses.

Existem três tipos de deficiência que são as de cunho intelectual, motor ou sensorial e as deficiências múltiplas onde duas ou mais deficiências fazem parte da vida do indivíduo. As deficiências motoras são classificadas e reconhecidas de acordo com a Classificação Internacional de Doenças, mais conhecida como CID-10, onde o indivíduo vem a ter dificuldades, restrições ou prejuízos de capacidades físicas para praticar uma ampla gama de atividades que são consideradas normais para um ser humano.

De acordo com a ótica científica, a deficiência sensorial está relacionada ao funcionamento parcial ou a impossibilidade de usá-los de forma plena um dos cinco sentidos.

As mais conhecidas são a surdez e a cegueira porém deficiências relacionadas ao paladar, tato e olfato também existem. Sem sombra de dúvidas, algumas pessoas que possuem deficiências sensoriais podem viver uma vida tranquila sem que esta deficiência venha a prejudicar ou atrapalhe excessivamente o seu cotidiano.

Pensando nas dificuldades motoras, foi criado o sistema de classificação da função motora bruta (Gross Motor Function Classification System - GMFCS) baseado nas limitações de indivíduos com deficiência motora sendo estas foram classificadas em cinco graus:

Grau 1 – Marcha normal;

Grau 2 – Marcha com dificuldade;

Grau 3 – Marcha com apoio para caminhar;

Grau 4 – Mobilidade limitada, precisa de ajuda para se mover;

Grau 5 – Indivíduo utiliza cadeira de rodas.

Fonte: Palisano, Rosenbaum, Bartlett, & Livingston, 2008.

As deficiências acima citadas podem acompanhar o indivíduo desde seu nascimento ou se tornar uma pessoa com deficiência durante a sua trajetória em sua vida.

Na escola ou em outras atividades, a diversidade funcional pode afetar a aprendizagem por conta de limitações, expressões, estímulos e deficiências de movimento.

As habilidades motoras grossas são responsáveis por movimentos menos delicados, como subir e descer escadas, pular. Está relacionada a grupos grandes de músculos e diretamente ligada à capacidade para realizar atividades esportivas.

As habilidades motoras finas são o contrário de habilidades motoras grossas, portanto são relacionadas a habilidades mais delicadas, como desenhar, pintar e manusear objetos pequenos. Pequenos músculos são utilizados para a execução do processo de se movimentar.

Atividades no mar tendo o surf como atividade física a ser praticada são facilitadores que promovem a inclusão social, a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. É possível notar melhorias nas habilidades motoras grossas, o desenvolvimento motor e cognitivo do praticante do esporte.

As deficiências intelectuais são transtornos neuropsiquiátricos que são capazes de estarem presentes em uma ou mais áreas da vida de um indivíduo.

Em algumas áreas é necessário o suporte para que a qualidade de vida da pessoa com deficiência não seja afetada. As áreas de vida são a comunicação, autocuidado, habilidades sociais, auto-orientação, rendimento escolar, trabalho, lazer, saúde e segurança.

Idiotia e retardo mental já foram denominações utilizadas para referenciar ao Transtorno do Desenvolvimento Intelectual ou Deficiência Intelectual .

Assim como a deficiência motora, a deficiência intelectual também foi classificada pela Organização Mundial da Saúde e também pela Associação Americana para a Deficiência Mental, o resultado de um teste de QI pode apontar para 4 níveis de deficiência Intelectual (DI), divididos da seguinte forma:

Tipos de deficiência intelectual

- **DI leve:** Qi entre 50-69
- **DI moderado:** Qi entre 35-49
- **DI grave:** Qi entre 20-40
- **DI profundo:** Qi abaixo de 20

Fonte: OMS

Alguns exemplos de deficiência intelectual com causa genética são as Síndromes de Down, X Frágil, Angelman e Prader-Willi.

Complicações durante a gravidez como a rubéola, uso de drogas, abuso de álcool e desnutrição materna podem estar diretamente ligadas com as causas não genéticas da deficiência intelectual assim como problemas ao nascimento com traumatismos, prematuridade e falta de oxigênio podem ter ligações com deficiências específicas que são o TDA, TDAH, Autismo .

Doenças e condições que afetam a saúde, como sarampo, meningite, desnutrição, exposição a chumbo e mercúrio, entre outras também podem contribuir na incidência de deficiências intelectuais.

Estudos envolvendo indivíduos com deficiência intelectual (DI) ainda não são realizados de forma ampla e em pesquisas para acesso a este tipo de conteúdo ainda são escassos.

Assim sendo, não existe consenso sobre que tipo específico de atividade tem maior funcionalidade com este público. No entanto as atividades mais recomendadas a pessoas com deficiência intelectual são aquelas que envolvem exercícios aeróbicos e musculares com uma sequência de 3 dias por semana com 40 minutos em cada sessão.

A deficiência intelectual está presente em todo o mundo e 3% da população mundial faz parte desta porcentagem. Diante do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, aproximadamente 24% da população declarou possuir alguma dificuldade em habilidades que determinam que a pessoa possa ser deficiente ou não. Estas dificuldades podem ser em enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus.

Dentro deste espectro de 24% de pessoas com deficiência, a deficiência visual corresponde a 3,4 % ; deficiência motora em 2,3% ; deficiência auditiva em 1,1% e deficiência intelectual em 1,4%.

Pensando em exercícios físicos realizados com frequência, pessoas com DI não se enquadram como uma parte da população fisicamente ativa e são sedentários. Comparados com a população em geral este público compõe um número 10% maior com sedentarismo.

Uma das hipóteses para ter este percentual como resultado se deve a falta de conhecimento de profissionais de educação a respeito dos benefícios e estratégias que poderiam ser elaboradas para uma intervenção que atenda a este público.

Vale ressaltar que pessoas com deficiência intelectual possuem limitações de função intelectual e de comportamentos adaptativos que envolvem a socialização e tarefas do dia a dia. Além do mais estas pessoas possuem um processo de envelhecimento considerado precoce. Não praticando atividades físicas as pessoas com deficiência intelectual podem chegar a um nível de obesidade que passa de duas a três vezes maior do que a população em geral.

Este sedentarismo leva a hipertensão, colesterol alto, problemas cardiovasculares e o agravamento de problemas de saúde podem complicar a qualidade de vida do indivíduo.

Estudos apontam que exercícios físicos podem realizar melhorias em potencial na capacidade cardiovascular, resistência aeróbia, flexibilidade e agilidade podendo ocasionar em uma diminuição considerável na massa adiposa do indivíduo.

A prática do Surfe pode ocasionar diversos benefícios para pessoas com DI. Atividades como exercícios combinados com força e resistência muscular, relaxamento, exercícios respiratórios, brincadeiras com o lúdico, flexibilidade e coordenação motora são utilizados durante uma sessão de atividade do esporte.

É válido ressaltar que entre os inúmeros benefícios o surf é capaz de proporcionar que além de afetar diretamente a capacidade física, a saúde mental afetando no humor e autoconfiança. Sendo a socialização uma grande aliada no combate a quadros depressivos, ansiosos e de outros distúrbios que sofrem a interferência positiva melhorando consideravelmente o quadro de saúde de quem pratica a atividade física proporcionada pelo Surfe.

As atividades de Surfe em suas sessões são adaptações de um programa de ensino do Surfe para pessoas sem deficiência, sendo diferenciados para cada tipo de deficiência. Se estas atividades forem aplicadas de duas a três vezes por semana com 40 minutos cada sessão podem apresentar melhorias consideráveis em pessoas com deficiência intelectual.

É importante frisar que ao contrário do que muitos pensam, o Autismo não é uma doença, logo não tem cura. A maior parte das deficiências intelectuais possuem tratamentos que visam melhorar a qualidade de vida e incluir estas pessoas diante da sociedade.

Para algumas pessoas com deficiência intelectual o tratamento seguirá presente em suas vidas assim como hábitos de uma rotina de qualquer ser vivo como acordar e adormecer.

Tratamentos e terapias são utilizados para estimular e aguçar o que falta no cotidiano. A inclusão também pode ser uma ferramenta transformadora onde a pessoa se torna parte de um todo podendo realizar, de sua maneira o que pessoas conseguem fazer normalmente ou sem maiores dificuldades.

A importância das ONG's

O boom do momento são as ong's (organizações não governamentais). É fácil de se ver vários projetos voltados para diversas áreas em campos dos mais diversos e não é difícil encontrar algumas relacionadas a esportes. Futebol, Volley, Basquete, Atletismo entre outros esportes possuem projetos sociais visando a integração e socialização de pessoas que eventualmente vivem no ócio imposto por uma vida desfavorecida. E assim como nestes esportes acima relatados, o Surf também possui diversas ong's voltadas para a inserção destas pessoas.

Em vários estados da federação, onde existe a prática do esporte, pelo menos uma ong está estabelecida e na maior parte das ocasiões possuem o mesmo ponto de vista e objetivo. Eles são: Aulas gratuitas de surf durante o ano, distribuição periódica de cestas básicas, ajuda de custo, oficina de pranchas (nela os alunos aprendem toda o método de confecção e conserto de pranchas) e em algumas delas possuem um programa voltado para a “adoção” de um aluno por meio de pessoas físicas ou jurídicas onde patrocinam de certo modo a permanência do aluno no esporte.

Todas estas medidas ajudam a autoestima no esporte, porém não é só disso que o praticante assistido por estas ongs deve ter. De um determinado ponto de vista é possível observar que estas ong's contribuem para uma democratização do esporte, mas deve-se atentar que outros fatores podem ser atribuídos para uma elaboração mais eficaz da mesma.

Assim, é possível afirmar que o surf é um esporte de elite por conta do alto valor de seus equipamentos mesmo que o acesso a praia seja democrático. A ADAPTSURF com

seu trabalho busca inserir pessoas de qualquer renda, com qualquer deficiência na prática do esporte.

Utilizando como referência a Declaração de Salamanca, o papel social de organizações é compreendido e vivenciado nas atividades da Adaptsurf, instituição onde o autor deste texto é voluntário.

A instituição foi fundada em 2007 pelo campeão mundial de surfe adaptado na categoria AS-2 do ano de 2018, Henrique Saraiva e pelo casal Luis Phelipe Nobre (Fisioterapeuta) e Luana Nobre.

Sua proposta é desenvolver e divulgar o surf adaptado para pessoas com deficiência, lutar pela preservação da Natureza, pela inclusão e por melhorias na acessibilidade das praias.

A ONG ADAPTSURF é uma entidade sem fins lucrativos, que promove a inclusão social das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, garantindo igualdade de oportunidades e acesso ao lazer, esporte e cultura, através do contato direto com a natureza.

Por ser em espaço público (praia) , a ong conta com pranchas de surf adaptadas e cadeiras anfíbias além de uma esteira (modelo MOBI-MAT) que facilita o acesso do cadeirante na areia.

A ONG conta com um corpo de aproximadamente 30 voluntários dentre eles graduados e graduandos em Educação Física, Fisioterapia, Pedagogia e pessoas com muito interesse em ajudar.

O surf adaptado tem se mostrado um excelente aliado na reabilitação de pessoas com algum tipo de deficiência, além de seus benefícios físicos e mentais, é capaz de proporcionar momentos de conquistas e desafios. A modalidade encontra-se em desenvolvimento, ainda sem muita divulgação, no entanto já possui adeptos no mundo todo. Além do surf adaptado e a acessibilidade das praias, a ADAPTSURF atua com o mutirão de limpeza das praias onde desenvolve as suas atividades no dia mundial de limpeza das praias (21 de setembro) e em outros programados previamente. As ações abrangem qualquer pessoa interessada em participar do projeto e todas as ações são gratuitas.

Pessoas com qualquer tipo de deficiência são atendidas no projeto, que também funciona como uma escolinha de Surfe. Autistas, cadeirantes, surdos, cegos, paraplégicos, amputados e outros são alunos da escolinha de Surfe.



FOTOS : ADAPTSURF/REGINA TOLOMEI

Considerações finais

Atividades físicas são importantes para qualquer ser vivo de espécie animal seja ela racional ou não. A prática de exercícios garante qualidade de vida, saúde física e mental.

Um animal predador precisa estar em forma para se alimentar seja ele carnívoro ou não. Seu condicionamento físico garante a sua sobrevivência.

O Homo Sapiens necessita de atividades físicas desde o início de sua existência e diante da chamada evolução da espécie, de sociedade e industrialização de produtos o que era pré requisito para sobrevivência e alimentação se tornou algo importante em seus diversos aspectos relacionados a saúde e bem estar.

Tudo se tornou de fácil acesso, a alimentação com produtos nocivos a saúde estão mais presentes do que nunca e o sedentarismo ficou posição entre os espécimes humanos.

Como a maioria da população que não pertence ao grupo de pessoas com deficiência e estes sucumbem ao sedentarismo, este texto convida o leitor a refletir a respeito já que questões de acessibilidade, socialização e preconceito reduzem o espaço para a inclusão destes indivíduos em diversos segmentos de atividade física.

Para que pessoas com deficiência tenham um rendimento satisfatório em atividades físicas é recomendado de duas a três sessões de 40 minutos cada, praticando esportes onde no caso deste artigo é o surfe.

A prática realizada pelos antigos reis polinésios que hoje é conhecida como Surfe pode ser a porta de entrada de pessoas que antes viviam dentro de suas casas sedentárias ao ambiente de praia, de contato com o mar e as ondas.

O surfe é uma ferramenta de inclusão social, de pertencimento a um espaço que pode ser o mais democrático e plural de uma cidade que possui litoral. Qualquer esporte por si só é capaz de realizar a liberação de endorfina que é produzida pelo cérebro em sua glândula hipófise, sendo uma substância natural denominada como neuro-hormônio que atua diretamente na inibição de estresse e irritação contribuindo para satisfação e felicidade do indivíduo.

Organizações não governamentais tem presença forte na difusão de atividades com o surfe destinadas a pessoas com deficiência e estão presentes em vários estados do Brasil. Junto com escolinhas regulares de surf, as ongs levam o surfe para cada vez mais pessoas. É importante ressaltar que a posição de atletas brasileiros contribui bastante para a divulgação do esporte na mídia. Além de competições de surf para pessoas sem deficiência existem competições para pessoas com deficiência, inclusive um campeonato mundial.

A educação por meio de movimentos pedagógicos está intrinsicamente ligada ao surfe em atividades que envolvam aulas, contato humano e bem estar. Por mais curioso que seja a ligação entre educação, pedagogia e surf existe. E o resultado é expressado em sorrisos, qualidade de vida e melhora considerável da saúde física e mental.

Além desta prática inclusiva, a educação está presente na preservação do ambiente onde o esporte é praticado. A Educação Ambiental tem papel extremamente importante na divulgação de conhecimentos que visam um ambiente saudável para todo o bioma e ecossistema local. Sendo o ser humano o grande vilão na degradação de um espaço, cabe a educação ambiental difundir medidas que contenham a destruição e preserve para gerações futuras o que existe de melhor hoje.

Mutirões e oficinas envolvendo a temática da educação ambiental se bem divulgadas podem contribuir a longo prazo para mudar a mentalidade da população mundial. Políticas públicas podem contribuir neste processo na comunidade escolar onde com a escola aberta para todos o conhecimento será mais bem distribuído em diversos segmentos.

As ondas são as grandes videntes do oceano e sua energia que emana em seu movimento sempre existirá. Qualquer um desde um golfinho a uma pessoa que muitos consideram inaptas para o esporte poderão surfar e sentir, compartilhar e expressar com

sua experiência os benefícios que o mar pode trazer em suas vidas e na sociedade da qual é componente.

A educação e a pedagogia fazem parte deste processo, sendo essenciais para a evolução ser humano podendo estar presentes diante da necessidade de transmissão de determinados conhecimentos ao semelhante. É daí que vem a certeza de que a educação e o surfe possuem uma relação possível, transformadora e eficaz em uma sociedade.

Referências

ADAPTSURF. **Projetos**. Disponível em: <http://adaptsurf.org.br/>. Acesso em: 27 mai. 2021.

DE PAULA, Fernanda Pedrosa. **Estratégias pedagógicas para a Educação Física inclusiva**. Publicado em 23/10/2015. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/estrategias-pedagogicas-para-a-educacao-fisica-inclusiva/>. Acesso em : 17 de out. de 2020.

FARREL, M. **Deficiências sensoriais e incapacidades físicas**. Porto Alegre: Artmed.2008.

FERREIRA, Renato. **Surfando em busca de ondas democráticas: Um breve estudo nas relações do esporte com a população excluída**. 3º Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo. UFBA, Salvador – 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sazon, 1955.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/23612> . Acesso em: 13 jan. 2021.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração de Salamanca . Disponível em : < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso em 17 out. 2021.

PESTANA, M. B. *et al.* **EFFECTS OF PHYSICAL EXERCISE FOR ADULTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES: A SYSTEMATIC REVIEW.** Journal of physical education, OHIO, v. 29, n. 2920, p. 1-16, dez./2021.

RIVERA, V. G. O. *et al.* **Efectos de un programa de actividad física integral sobre la motricidad gruesa de niños y niñas con diversidad funcional.** REVISTA LASALLISTA DE INVESTIGACIÓN, Colombia, v. 16, n. 1, p. 37-46, ago./2019. Disponible en: <http://repository.lasallista.edu.co:8080/ojs/index.php/rldi/article/view/1993>. Acceso em: 16 jun. 2021.